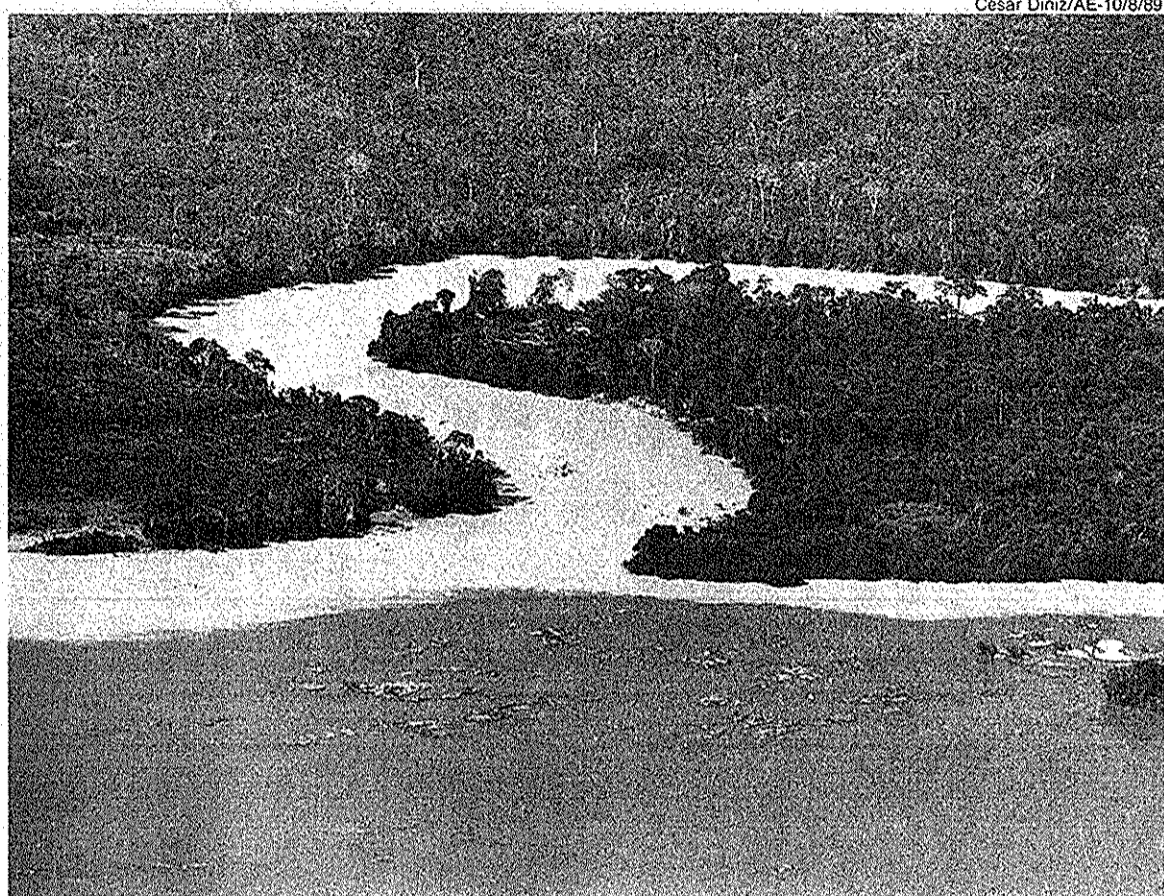


PRÉ-HISTÓRIA

César Diniz/AE-10/8/89



Surpresa arqueológica

Floresta amazônica: agricultura era praticada há milhares de anos na região

Vestígios humanos mostram renovação de matas tropicais

A idéia de que as florestas tropicais são espaços intocados pela mão do homem, espécie de museus estáveis de biodiversidade começa a ser contestada pelos cientistas. Está sendo realizado hoje em Madison, Wisconsin, nos Estados Unidos, um encontro da Sociedade Ecológica Americana mostrando que, nas florestas consideradas primitivas, estão aparecendo fragmentos de cerâmica e sinais de antigas plantações. Vários desses estudos foram realizados na Amazônia, onde recentemente foram encontrados vestígios de cerâmica com cerca de 7 mil anos.

Segundo o paleoecologista Mark Bush, da Universidade Duke, Carolina do Norte, essas descobertas estão forçando os pesquisadores a reformular suas idéias sobre o tratamento das florestas tropicais. "Se elas puderem ser manejadas de forma a impedir a sua degradação, talvez seja possível extrair algumas de suas riquezas", disse Bush à repórter Cristina Muller, do Estado, pelo telefone. Bush, que tem entre seus assistentes o brasileiro Paulo de Oliveira, pesquisou vestígios de ocupação humana na região de Santarém, no Pará, e no Panamá.

"Descobrimos pela análise do pólen fóssil e de fitólitos (sinais existentes nas folhas das plantas) que as antigas culturas da América viviam perto de lagoas e plantavam milho", explicou. "Através da datação de Carbono-14, encontramos sinais de plan-



tio nas florestas tropicais de 2 mil anos, às vezes 4 e até 6 mil anos." Ele disse ter feito pesquisas em Santarém e no Pico da Neblina, mas os lugares onde esse tipo de fenômeno mais ocorre são no Equador e Panamá.

O pesquisador acredita que a agricultura era feita em pequena escala (apenas 200 a 300 metros), com largos períodos de descanso, "mais ou menos 50 anos". Isso permitia a recuperação da floresta depois do último período de cultivo. "Quando os europeus chegaram à América, a agricultura parou", frisou.

Ele disse que as pesquisas arqueológicas realizadas em Santarém, no Pará, onde foram encontrados restos de cerâmica de quase 7 mil anos, mostram que o plantio do milho foi iniciado no México há 7 ou 8 mil anos e chegou rapi-

damente à Amazônia. "Talvez tenham sido as mulheres que trouxeram as técnicas por meio de casamentos intertribais", especulou.

Nas próximas semanas, também será lançado nos Estados Unidos o livro La Selva: Ecology and Natural History of a Rainforest, que mostra os resultados da pesquisa realizada na região de Puerto Viejo de Sarapiquí, na Costa Rica, que durante décadas serviu como um exemplo de floresta luxuriante e intocável durante milênios.

Segundo o jornal The New York Times, os novos estudos sugerem que a floresta foi usada para agricultura de roça e queimada, com carvões encontrados no solo datados de 2 mil a 1.200 anos. Os pesquisadores encontraram uma velha lareira de pedras, cemitérios e ferramentas indicatórias de que os habitantes que trabalhavam na floresta por volta de 800 estavam plantando milho e outros alimentos. "Isso é de fato uma grande mudança conceitual para os ecologistas", disse Deborah Clark, que divide a posição de diretora da estação biológica La Selva com seu marido David Clark.

Migrações e extinções marcaram expansão do homem, diz cientista

MARTHA SAN JUAN FRANÇA

A revista norte-americana Science dessa semana publicou um artigo do geneticista Luigi Cavalli-Sforza, da Universidade de Stanford, em que ele afirma terem existido duas grandes expansões dos nossos antepassados. A primeira, entre um e dois milhões de anos atrás, quando o Homo erectus saiu da África, e a segunda, entre 100 mil e 60 mil anos, que levou a ocupação pelo Homo sapiens de todos os continentes. Ontem, após a sua penúltima conferência no ciclo André Dreyfus, na Universidade de São Paulo, o pesquisador inglês Robert Foley, da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, confirmou e ampliou essa teoria.

Autor do livro Another Unique Species, que está para ser publicado pela

Edusp em português, Foley tem se destacado por aplicar conceitos da ecologia evolutiva para explicar o aparecimento e expansão do homem desde os primeiros homínidos, que surgiram há cerca de 5 milhões de anos, aos primeiros agricultores há dezenas de milhares de anos. Ele afirmou que seus estudos concordam com as descobertas da genética e da arqueologia no sentido de uma origem africana dos homens e um processo de expansão que, na sua opinião, foi uma "verdadeira batalha".

Segundo Foley, nada sugere que as ondas migratórias dos antepassados dos homens tenham sido um "retumbante sucesso". Ele calcula que houve um constante movimento de expansão para várias regiões localizadas. Em sua opinião, devem ter existido múltiplos grupos de homi-

nídeos que foram sacrificados até que um deles sobrevivesse. Ele também relaciona várias características dos nossos antepassados, como o tamanho do cérebro ou o fato de eles terem se tornado bípedes e carnívoros as chances de sobrevivência.

O pesquisador não quer se envolver na polêmica que esteve presente na primeira parte do ciclo André Dreyfus, que contou com a participação do biólogo molecular Alan Templeton, da Universidade de Washington. Os estudos de Templeton refutam a tese de que a humanidade teria se originado há uns 200 mil anos de uma única mulher africana. Para Foley, o mais importante é perceber que a espécie humana foi uma entre várias que teriam se originado na África e que, como os antepassados dos atuais macacos, não deixaram vestígios.